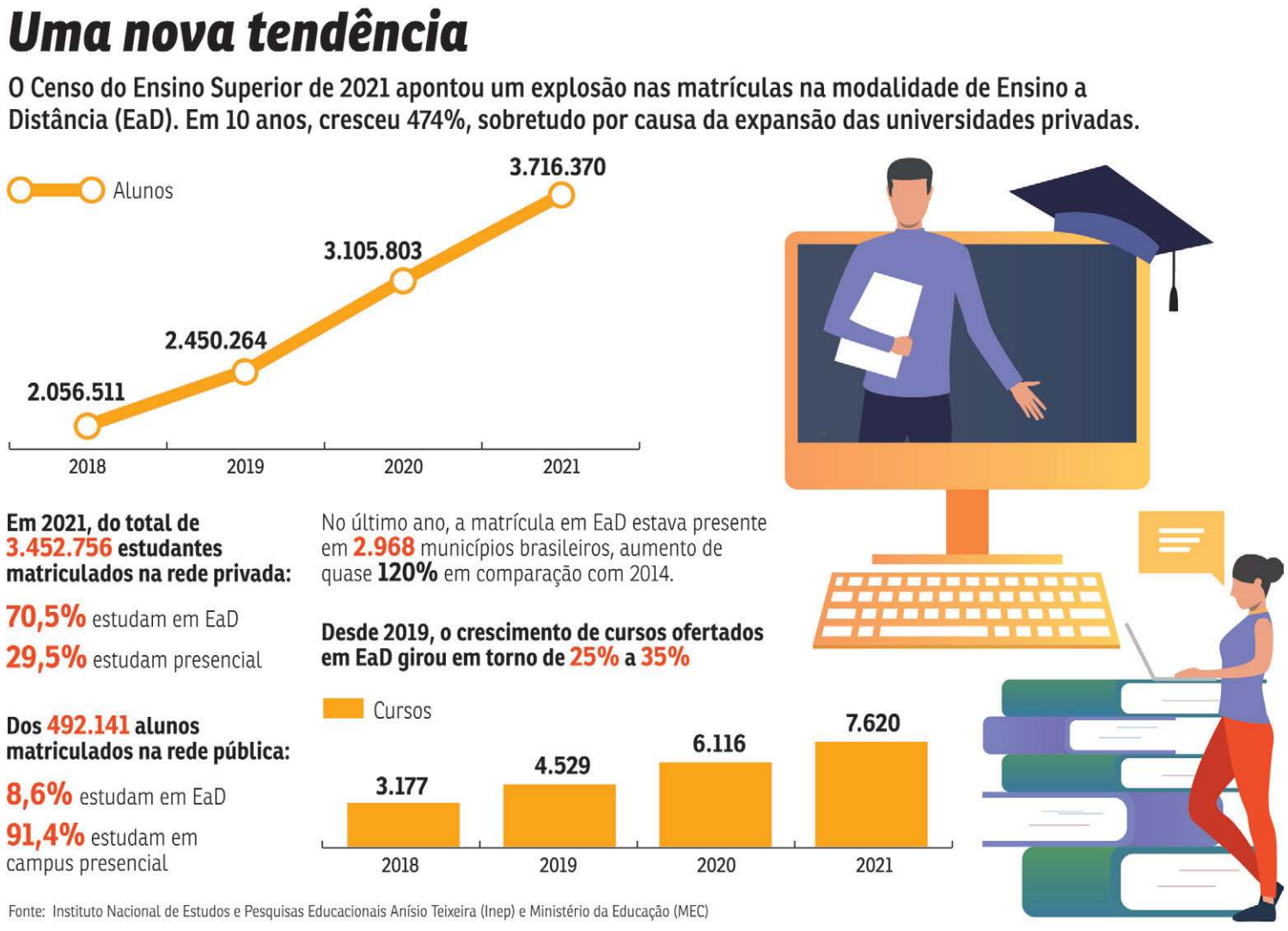
Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

EDUCAÇÃO

Inep aponta salto do ensino a distância

Censo sobre os cursos superiores mostra que, em 10 anos, houve um aumento de quase 500% no oferecimento de disciplinas com esse formato de aprendizado. Mas a qualidade é um fator preocupante

» TAINÁ ANDRADE



A modalidade de ensino a distância (EaD) avança de forma acelerada no país. A constatação é do Censo da Educação Superior de 2021, cujos dados foram divulgados ontem pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e pelo Ministério da Educação (MEC). Segundo o levantamento, em 10 anos houve o crescimento de 474% no oferecimento de cursos por meio desse formato de aprendizado. Grande parte dos estudantes que optam pelo EaD está na rede privada, na qual, entre 2018 e 2021, houve um salto de 24,3% para 41,4%.

Seis de cada 10 ingressantes do ensino superior em 2021 entraram em cursos a distância. Já o número de calouros em graduações presenciais caiu 28% ante 2019, último ano pré-pandemia. De um lado, o ensino a distância permite expansão mais rápida e barata, além de ser mais viável para alunos que trabalham. Mas, por outro, especialistas apontam dificuldades de monitoramento e perda de qualidade na formação inicial dos profissionais, sobretudo em áreas estratégicas, como a docência.

Vandir Chalegra Cassiano, diretor da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres) do MEC, explicou que a pasta aumentou o acompanhamento dos cursos EaD exatamente para fazer com que o nível do conteúdo oferecido ao aluno seja compatível com o que propõe o ministério.

"Estamos preocupados por causa das universidades que estão oferecendo cursos EaD de valores muito baixos. Temos instituições que anunciam a R$ 59,90, uma mensalidade muito pequena. Queremos saber se tem a qualidade adequada", explicou.

Do total de 3.452.756 estudantes matriculados nas universidades particulares, 70,5% estão em EaD e em polos espalhados por 2.968 municípios. "É uma tendência inexorável, que se consolidou como modalidade de ensino e que está prevalecendo na expansão da educação superior no Brasil", observou o presidente do Inep, Carlos Eduardo Moreno Sampaio.

Desde o ano passado, o número de instituições privadas de ensino superior no país é maior que o de públicas — 87,8% contra 12,2%. A rede particular é considerada a responsável pelo aumento da quantidade de cursos EaD. De 2019 para 2020, o crescimento foi de 25% — passou de 6.116 para 7.620.

Outro ponto de atenção é da lacuna que ainda existe entre os alunos que são matriculados e aqueles que concluem o curso. Em 2021, foram 3.716.370 matrículas em instituições privadas, sendo as cadeiras de direito e psicologia as mais procuradas. No entanto, dessas matrículas, apenas 485.141 pessoas chegaram ao bacharelado.

"Isso é tão importante para lançar luz sobre as políticas em andamento e para outras a serem criadas a partir daquilo que se revela quando se faz esse acompanhamento. (Isso permite saber) o que está acontecendo, que movimentos estão havendo ao longo dos anos com a educação superior em vários níveis", afirmou o secretário da Educação Básica, Mário Luiz Rabelo.

Inclinação

A redução de ingresso em cursos presenciais e o crescimento do EaD são tendências desde 2014, acentuadas com a pandemia da covid-19. Na crise sanitária, o ingresso na modalidade a distância cresceu 55,6%.

Para se ter uma ideia, o cenário de 2011 era bem diferente. Naquele ano, oito de cada 10 estudantes que ingressavam no ensino superior eram na modalidade presencial. Apenas 431,6 mil calouros se matriculavam em uma graduação a distância há 10 anos. Em 2021, esse mesmo número saltou para 2,48 milhões.

Doutora em engenharia e gestão do conhecimento pela Universidade de Santa Catarina (UFSC) e consultora em EdTech, Carolina Schmitt Nunes destaca que a soma de uma série de fatores explica o avanço do ensino a distância. Na avaliação dela, a pandemia ganha destaque, pois acelerou esse processo, que já acontecia, ao proporcionar uma "antecipação tecnológica", que modificou a relação das pessoas com a internet.

Ela acrescenta que, hoje, o público universitário é formado em maioria por pessoas que trabalham e têm família — e, com isso, há uma série de obrigações. Logo, a possibilidade de estudar de casa traz comodidade. O preço mais acessível também aparece entre as razões de um estudante optar pelo EaD. Porém, Carolina chama a atenção para a qualidade do que é oferecido.

"Podemos ter uma série de profissionais com um diploma, mas que, na prática, não conseguem desempenhar bem suas funções ou mesmo não entram no mercado de trabalho naquele campo porque não têm a qualificação necessária", alerta. **(Com Agência Estado)**

Estudantes criam reagente contra droga do estupro

» JÁDER REZENDE

Quatro alunas da Escola de Ensino Médio Albino Marques Gomes, em Gravataí (RS), desenvolveram um reagente químico capaz de identificar, em segundos, a presença, em bebidas, do ácido gama-hidroxibutírico (GHB) — que serve para aplicar o golpe "boa noite Cinderela". A substância está sendo testada em forma de adesivo, que seria colocado no copo utilizado pelos casais — e assim se evitaria que um parceiro dopasse, roubasse ou matasse o outro.

As pesquisas estão sendo desenvolvidas pelas estudantes do segundo ano do ensino médio Giovanna Moraes, Giovanna Freitas, Nicolle Marques — todas de 17 anos — e Natally Souza, de 16, movidas pelo crescente número de casos de violência contra mulheres e homossexuais veiculados na imprensa. A meta, segundo elas, é tornar a invenção acessível à população.

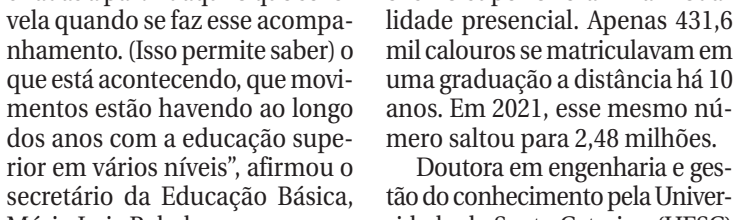
Segundo Giovanna Moraes, o custo final do reagente deve oscilar entre R$ 15 e R$ 20. Ela conta que tudo começou com um desafio proposto aos alunos do ensino médio, de criar um conceito inovador na área de matemática.

"Já tínhamos a ideia de produzir um produto para identificar o 'boa noite Cinderela' nas bebidas. Partimos, então, para os custos que envolveriam a formação de uma empresa, produção e marketing, e chegamos ao total de R$ 100 mil", explicou.

O trabalho das alunas chamou a atenção do professor de química Rafael Abruzzi, que se ofereceu para ser o orientador da pesquisa. "Para nós, também foi um grande desafio. Por mais que estejamos acostumados a trabalhar com projetos de pesquisa, nunca havíamos abordado o tema das drogas", conta, adiantando que o próximo passo é iniciar os testes na prática.

Segundo Abruzzi, laboratórios já manifestaram interesse em participar do projeto, testando reagentes químicos que não sejam tóxicos. "Precisamos desse apoio. Inclusive, já temos visitas agendadas", afirma, adiantando que os testes em indústrias químicas devem ser iniciados em janeiro do próximo ano.

Divulgação



Noticiário estimulou as quatro alunas a desenvolverem o produto

Eficácia

A ideia, ainda de acordo com o professor, é avaliar a eficácia do produto não apenas em copos, mas também em adesivos que possam ser colados no interior ou na base desses recipientes, como forma de não despertar a atenção dos bandidos.

Giovanna Moraes pontua que o reagente pesquisado por ela e suas colegas identifica somente o GHB, também conhecido como êxtase líquido e que, por ser barato, é mais utilizado contra as vítimas, que chegam a ficar desacordadas por até duas horas. Depois desse período, dificilmente é detectado no organismo.

"É uma droga de fácil acesso e que causa euforia e também sonolência, além de náusea, vômito e desmaio. Mas há outras que também podem ser compradas facilmente em farmácia e sem receita médica, e que surtem o mesmo efeito, como colírios e antialérgicos", diz Giovanna. O GHB é indicado para tratamento das dificuldades de atenção e concentração, deficit de memória e problemas de aprendizagem.

Graziela Bianca Vicentim, diretora da escola em que estudam as quatro alunas, disse que a repercussão da pesquisa deve incentivar os demais estudantes a desenvolverem projetos de pesquisa inovadores. "O mais importante nesse processo é mostrar o quanto a escola incentiva e potencializa a pesquisa e que a ciência é importante na vida de todos", afirma.

COVID-19

Especialistas alertam para o avanço da infecção

A quantidade de testes positivos de coronavírus em laboratórios privados do país aumentou em outubro. É o que mostram análises do Instituto Todos pela Saúde (ITpS), que alerta para uma nova onda de casos da doença em países da Europa. Por causa desses dois fatores, especialistas apontam que é importante que a população fique atenta aos sintomas, faça testes para confirmar a infecção por coronavírus e siga o tratamento correto.

Duas novas cepas do vírus, a BG.1 e a XBB, que surgiram a partir da variante Ômicron, são potencialmente mais resistentes à vacina e têm crescido em circulação. Segundo o médico infectologista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP Evaldo Stanislau, apesar das novas cepas do vírus, os sintomas da covid-19 continuam sendo os mesmos de antes.

"Geralmente são respiratórios, similares aos de um resfriado comum ou, eventualmente, aos de uma gripe, quando há mais sintomas de febre e mal-estar", explica.

A covid-19 pode ser confundida com um resfriado ou gripe e é importante que a pessoa, ao perceber as indicações, faça um teste para comprovar se há infecção por coronavírus ou por influenza, que também teve aumento relevante no número de testes positivos. Por isso, é preciso estar atento se há coriza, dor de garganta, tosse, dor no corpo, mal-estar e febre.

Idosos e imunossuprimidos devem ter um diagnóstico correto para que o tratamento seja feito o quanto antes, diminuindo as chances de uma evolução para o quadro mais grave. Até o momento, o aumento no número de testes positivos para coronavírus são de casos leves e não houve aumento relevante no número de internações pela doença.

Sintomas

Os sintomas podem aparecer isoladamente ou todos juntos. Pessoas imunizadas com todas as doses contra a doença e que não têm idade avançada ou problemas de saúde tendem a apresentar sinais mais leves, sem evolução para casos graves. Alexandre Naemy Barbosa, infectologista, professor e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia, defende que a testagem de pacientes com sintomas respiratórios deve ser feita em todos os casos.

Segundo ele, o paciente consegue ter um melhor tratamento quando diagnosticado corretamente, o que diminui as chances de evolução da covid-19 para quadros mais graves. "Hoje nós já temos alguns medicamentos que tratam a covid-19 e que ajudam para que o quadro clínico do paciente não evolua negativamente", diz o especialista.

Para Carolina dos Santos Lázari, infectologista do Fleury Medicina e Saúde, a testagem é importante não só no âmbito pessoal, mas também coletivo. O exame possibilita que a comunidade médica, científica e as autoridades saibam o que está acontecendo nas cidades e no país para que sejam tomadas as medidas de contenção e de prevenção dos casos.

"Sempre estimulamos a confirmação por exame laboratorial, mesmo para pacientes com sintomas leves e sem fatores de risco. Quando aumenta o número de casos leves, significa que as pessoas que têm mais chance de ter um quadro grave estão expostas a um risco maior", explica Carolina.